Dia 22 — São Sotero e São Caio, Papas e Mártires

São Sotero, tão recomendável por sua caridade e por seu zelo, foi natural de Fundi, no reino de Nápoles. Nasceu em fins do primeiro século ou nos princípios do segundo. Teve a dita de ser educado no seio da Igreja naqueles felizes dias de seu primitivo fervor e assim tomou todo o seu espírito. Sua longa morada em Roma, num tempo em que a fé e a piedade dos romanos serviam de modelo a todas as igrejas do mundo, não contribuiu pouco para que se fizesse tão célebre no clero, assim por sua virtude como por sua sabedoria. Veneravam-no como a santo e ouviam-no como a oráculo; e assim, havendo morrido Santo Aniceto pelos anos de 161, foi São Sotero eleito unanimemente por sucessor na cadeira de São Pedro.

Esta suprema dignidade não serviu mais que para dar novo lustre a sua eminente virtude e para que brilhasse mais aquela ardente caridade que foi sempre o caráter de nosso santo. Deu-lhe ocasiões oportunas para que a exercitasse, durante o tempo de seu pontificado, o imperador Marco Aurélio, pela cruel perseguição que excitou contra os cristãos. Não foi só Roma o teatro onde triunfou a paciência dos fiéis; todo o mundo foi testemunha e, a um mesmo tempo, admirador de sua magnanimidade e de sua constância. Uns, enterrados vivos em profundos calabouços, oprimidos com o peso dos ferros ou sepultados nas minas; outros, despedaçados nos cadafalsos ou expostos às feras nos anfiteatros: tal era o espetáculo que ofereciam aos olhos do mundo os cristãos quando São Sotero se encarregou do governo da Igreja, com o que teve ocasião de empregar toda a sua vigilância e seus desvelos em descobrir as necessidades espirituais e corporais daqueles santos confessores e todo o seu zelo em remediá-las.

Excedendo sua caridade à dos santos pontífices seus predecessores, não omitiu diligência alguma para recolher quantas esmolas pôde e enviá-las, como aqueles haviam feito, às igrejas de diferentes cidades, acompanhando-as de instruções muito salutares nas cartas que lhes escreveu, para exortar os fiéis a manter-se firmes na fé, a viver unidos entre si com os bispos e pastores que os governavam, a sofrer com paciência e até com alegria as cruéis perseguições e tormentos que padeciam por amor de Jesus Cristo e que lhes mereciam a coroa do martírio.

Mas o que assim comunicava os efeitos de sua caridade até os últimos ângulos do mundo, como poderia haver esquecido os que estavam padecendo, digamo-lo assim, diante de seus mesmos olhos? Era, pois, digno da maior admiração ver aquele grande papa, oprimido de anos e trabalhos, buscar em pessoa os cristãos dentro das cavernas e lugares subterrâneos, alentá-los com suas palavras, animá-los com seus exemplos e mantê-los com suas contínuas esmolas.

Ainda que a caridade de nosso santo a nenhum pobre excluía, principalmente a praticava, e até a dobrava, com aqueles que estavam padecendo por Jesus Cristo, já nos cárceres, já nas minas,

onde muitas vezes se achavam destituídos de todo socorro, como se reconhece sobretudo pela carta que lhe escreveu São Dionísio, bispo de Corinto: «Desde logo, diz, acostumaste-te a derramar tua beneficência sobre os irmãos, enviando a muitas igrejas com que manter-se: aqui socorres os pobres em suas grandes necessidades; ali assistes aos que trabalham nas minas; em todas as partes renovas a generosa caridade de teus antecessores, socorrendo os que padecem por Jesus Cristo. O bem-aventurado bispo Sotero não se contenta com seguir seus exemplos, mas sobrepuja sua caridade; não só cuida de buscar e recolher esmolas, enviando-as aos santos, mas recebe com amor paternal todos os irmãos que acodem a ele, consola-os com suas palavras, alenta-os com seus exemplos e assiste-lhes com seus socorros.»

Não se contentava Sotero com aliviar os generosos confessores de Cristo com as grandes esmolas que lhes fazia; alentava-os, mantinha-os, fortificava-os na fé por meio de suas cartas, que inspiravam a todos os fiéis novo fervor: assim as liam com veneração nas igrejas. «Hoje celebramos o santo dia do domingo, continua o santo bispo de Corinto, e lemos vossa epístola, que prosseguiremos lendo para nossa instrução.»

Nem se dedicou com menor zelo a prevenir e atalhar tudo quanto podia corromper a pureza da fé, que os hereges pretendiam alterar, principalmente depois da morte dos apóstolos. Opôs-se com vigor e fortaleza aos montanistas ou catafrígios, cuja heresia começou a levantar a cabeça em seu pontificado; e o fez com tanta valentia e com tanta felicidade por meio de seus sábios escritos que muitos anos depois não se lançava mão de outras armas para combater Tertuliano quando se declarou sectário seu.

Atento Sotero a todas as necessidades da Igreja, fez muitos regulamentos, entre os quais há um que proíbe às virgens consagradas a Deus tocar os vasos e ornamentos sagrados, como também ministrar o incenso no ofício divino. Governou São Sotero a Igreja por espaço de oito ou de nove anos. Não podia faltar a coroa do martírio a uma vida tão pura, tão santa e tão apostólica como a sua, num tempo em que todo o inferno parecia haver-se desencadeado contra os cristãos. Despedaçadas em todas as partes as ovelhas, era consequente que o pastor não escapasse do furor dos tiranos; e, ainda que ignoramos o gênero de martírio com que nosso santo ilustrou a fé, em todos os martirológios o achamos contado no número dos santos mártires. Sérgio II trasladou seu corpo do cemitério de Calisto à igreja de Equício, dedicada a São Silvestre e a São Martinho. Veneram-se em Toledo algumas relíquias suas, e celebra-se sua festa naquela igreja com grande solenidade. Também guardam algumas na sua os jesuítas de Munique, na Baviera, e as conservam com muita veneração.

São Caio, Papa e Mártir

No mesmo dia celebra a Igreja a festa do santo pontífice Caio, originário da Dalmácia e parente do imperador Diocleciano. É provável que seus pais foram cristãos e que desde menino o criaram nos princípios de nossa religião. Não se sabe com que ocasião foi a Roma; e só é certo que, pela pureza de seus costumes, pelo zelo da religião e por sua vida exemplar, foi recebido no clero com geral gozo de todos e que nele se fez desde logo distinguir não menos por sua sabedoria que por sua

virtude. Estava reputado em Roma por um dos mais santos clérigos da Igreja quando morreu o papa Eutiquiano, no ano de 283, e não se deliberou um ponto sobre colocá-lo na cadeira de São Pedro.

Cabeça dos bispos e pai comum de todos os fiéis, possuiu eminentemente todas as qualidades. O zelo, o valor, a prudência, a heroica virtude e a ardente caridade que mostrou em todas as ocasiões fizeram-no olhar desde logo por um dos mais dignos pontífices que até então havia logrado a Igreja. Não é fácil explicar a solicitude, os caritativos desvelos e as fadigas deste santíssimo papa durante aqueles calamitosos tempos de perseguição e de trabalhos. Como os cristãos se viam obrigados a estar escondidos nos bosques e sepultados nas cavernas, o santo pontífice por algum tempo tomou também o mesmo partido de esconder-se para poder assisti-los. Visitava-os nas cavernas e nos montes; consolava-os, socorria-os e os animava a defender valorosamente a fé, ainda que fosse à custa da vida.

Havendo acalmado um pouco a tempestade, voltou a Roma nosso Caio, acompanhado de crescido número de confessores de Cristo. Mas renovou-se logo a perseguição contra os cristãos com maior fúria que nunca: em todas as praças públicas, esquinas e encruzilhadas das ruas colocaram uns ídolos pequenos, com bando rigoroso de que nada se pudesse comprar nem vender sem tê-los antes incensado; e nem sequer se podia tirar água das fontes e poços públicos sem oferecer primeiro estes ímpios sacrifícios.

Em tão tristes circunstâncias, nosso vigilantíssimo pontífice ordenou a Cromácio, que havia sido prefeito de Roma e era então um dos mais fervorosos discípulos de Cristo, que se retirasse a sua terra para assistir aos cristãos que se haviam refugiado nela; e, ainda que desejou que São Sebastião fosse também em sua companhia, soube alegar tais razões este generoso defensor da fé para persuadir-lhe o muito que importava que ele ficasse perto de sua pessoa que enfim se rendeu a elas e deu ordem ao presbítero Policarpo para que seguisse a Cromácio.

Logo que partiram estes confessores, Caio ordenou de diáconos os dois irmãos Marcos e Marceliano e de presbítero Tranquilino, seu pai. Viviam todos juntos em casa de um oficial do imperador chamado Cástulo, zelosíssimo cristão, o qual tinha quarto dentro do mesmo palácio e estava na parte mais alta do edifício. Ali se juntavam secretamente os fiéis todos os dias, e o santo pontífice os alimentava com a palavra de Deus, distribuindo-lhes o pão dos fortes e celebrando o divino sacrifício.

Tibúrcio, que era um cavaleiro moço, grande cristão e muito distinguido entre todos por seu zelo da religião, conduzia cada dia alguns novos neófitos, aos quais batizava São Caio depois de havê-los instruído.

Enquanto nosso santo se ocupava dia e noite nestas obras de caridade e religião, foram dizer a seu irmão São Gabino que Maximiano, filho adotivo do imperador Diocleciano, pedia sua filha Susana para casar-se com ela. Noticioso disto o santo papa, enviou chamar sua sobrinha, a qual, informada do ânimo do imperador, vinha lançar-se aos pés de seu santo tio para pedir-lhe sua bênção e dispor-se ao martírio. A conferência foi breve, mas terna. «Já sabeis, amado tio meu, disse a santa donzela, que, havendo feito voto de castidade, não posso dar a mão a outro esposo que a Jesus Cristo; e venho declarar-vos que jamais a darei a outro. Vendo estou que não haverá

gênero de tormentos de que não se valha o tirano para obrigar-me a mudar de resolução; mas, cheia de confiança na misericórdia de meu Senhor Jesus Cristo, atrevo-me a assegurar-vos que nada será capaz de arrancar a fé de meu coração nem ainda de fazer titubear a determinação de vossa humilde sobrinha.» Desfaziam-se em lágrimas de ternura todos os circunstantes; mas, mais enternecido que todos, nosso santo contentou-se com dar-lhe sua bênção e com exortá-la breve, mas patética, à perseverança e a não se fazer indigna da glória do martírio. Triunfou Santa Susana da crueldade e do furor dos tiranos; e todos quantos estavam em Roma com nosso santo tiveram a mesma dita e conseguiram a mesma vitória.

São Caio não foi deixado em esquecimento: parece que Deus o havia conservado só para que lograsse o consolo de enviar adiante de si ao céu aquela ilustríssima tropa, mas havia trabalhado com grande zelo e bom fruto para não merecer a coroa do martírio. Padeceu-o por volta do ano 296, havendo ocupado a cadeira de São Pedro doze anos e alguns meses. Foi enterrado no cemitério de Calisto, e dali foi trasladado seu santo corpo no ano de 1631 a uma igreja muito antiga de seu mesmo nome; e em Novellara, na Itália, conserva-se uma parte de suas preciosas relíquias.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Ápia, o trânsito de São Sotero, papa e mártir.

Ali mesmo, São Caio, papa, coroado com o martírio no tempo do imperador Diocleciano.

Em Esmirna, os santos Apeles e Lúcio, dos primeiros discípulos de Jesus Cristo.

No mesmo dia, muitos santos mártires que, por ordem do rei Sapor, um ano depois da morte de São Simeão e no dia da Sexta-feira Santa, foram degolados em todas as províncias da Pérsia por defender o nome de Jesus Cristo. Deste número foram o eunuco Azades, favorito do rei; Milés, bispo, esclarecido em santidade e milagres; Acépsimas, bispo, com seu presbítero Tiago; Aitala e José, presbíteros; Azadanes e Abdiesu, diáconos, e outros muitos clérigos, como também os bispos Maréas e Bicor, com outros vinte bispos, cerca de duzentos e cinquenta clérigos e muitos monges e virgens consagradas a Deus: duas destas, a saber, Tarbula, irmã do bispo São Simeão, e uma criada sua, foram atadas a um poste e morreram com grande crueldade, serradas pelo meio do corpo.

Também na Pérsia, os santos Pármenas, Helimenas e Crisotelo, presbíteros; Lucas e Múcio, diáconos, cujo martírio se descreve nas atas dos santos Abdon e Senen.

Em Alexandria, o trânsito de São Leônidas, martirizado no tempo de Severo.

Em Lião da França, São Epípodo, que foi preso com seu colega São Alexandre durante a perseguição de Antonino Vero e, depois de cruelíssimos tormentos, consumou seu martírio sendo decapitado.

Em Sens, São Leão, bispo e confessor.

Em Anastasiópolis, São Teodoro, bispo, célebre em milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Beatorum martyrum, parterque pontificum Soteris et Caii, nos, quæsumus Domine, festa tueantur: et eorum commendet oratio veneranda. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Nós vos suplicamos, Senhor, que nos defenda a festiva memória que celebramos de vossos santos mártires e pontífices Sotero e Caio, e que sua venerável intercessão nos recomende a vós. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do Apocalipse de São João, capítulo 19.

Apocalipse 19,1-9

> **Latim:** [1] Post hæc audivi quasi vocem turbarum multarum in cælo dicentium : Alleluja : salus, et gloria, et virtus Deo nostro est : [2] quia vera et justa judicia sunt ejus, qui judicavit de meretrice magna, quæ corrupit terram in prostitutione sua, et vindicavit sanguinem servorum suorum de manibus ejus. [3] Et iterum dixerunt : Alleluja. Et fumus ejus ascendit in sæcula sæculorum. [4] Et ceciderunt seniores viginti quatuor, et quatuor animalia, et adoraverunt Deum sedentem super thronum, dicentes : Amen : alleluja. [5] Et vox de throno exivit, dicens : Laudem dicite Deo nostro omnes servi ejus : et qui timetis eum pusilli et magni. [6] Et audivi quasi vocem turbæ magnæ, et sicut vocem aquarum multarum, et sicut vocem tonitruorum magnorum, dicentium : Alleluja : quoniam regnavit Dominus Deus noster omnipotens. [7] Gaudeamus, et exsultemus : et demus gloriam ei : quia venerunt nuptiæ Agni, et uxor ejus præparavit se. [8] Et datum est illi ut cooperiat se byssino splendenti et candido. Byssinum enim justificationes sunt sanctorum. [9] Et dixit mihi : Scribe : Beati qui ad cœnam nuptiarum Agni vocati sunt ; et dixit mihi : Hæc verba Dei vera sunt.

Português: [1] DEPOIS d'isto ouvi huma como voz de muitas gentes no ceo, que dizião: Alleluia: A salvação, e a gloria, e o poder he ao nosso Deos: [2] porque verdadeiros, e justos são os seus juízos, porque elle condenou a grande prostituta, que corrompeu a terra com a sua prostituição, e porque vingou o sangue de seus servos, das mãos d'ella. [3] E outra vez disserão: Alleluia. E o fumo d'ella sobe por seculos de seculos. [4] Então os vinte e quatro anciãos, e os quatro animaes se prostrárão, e adorárão a Deos, que estava assentado sobre o trono, e dizião: Amen: Alleluia. [5] E sahiu do trono huma voz, que dizia: Dizei louvor ao nosso Deos todos os seus servos: e os que o teméis, pequeninos, e grandes. [6] E ouvi huma como voz de muita gente, e hum como estrondo de muitas aguas, e como o estampido de grandes trovões, que dizião: Alleluia : porque reinou o Senhor nosso Deos, o Todo Poderoso. [7] Alegramo-nos e exultemos: e demos-lhe gloria: porque são chegadas as vodas do Cordeiro, e a sua esposa está ataviada. [8] E lhe foi dado o vestir-se de finissimo linho, resplandecente, e branco. E este linho fino são as virtudes dos santos. [9] Então me disse elle: Escreve: Bemaventurados os que forão chamados á cea das vodas do Cordeiro: e me disse: Estas palavras de Deos são verdadeiras.

Nota

«Num domingo, para o fim do império de Domiciano, isto é, por volta do ano 93 do Senhor, teve o evangelista São João as revelações do Apocalipse na ilha de Patmos. Desterrado ali, diz São Jerônimo, da conversação dos homens, foi participante dos maiores segredos dos anjos durante seus maravilhosos arrebatamentos.»

Reflexões

Bem-aventurados os que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. Beati, qui ad cœnam nuptiarum Agni vocati sunt. Qualquer outra ideia de felicidade é quimérica. A estância dos bem-aventurados, a alegria da corte celestial, a bem-aventurança eterna, que representam esta ceia e estas bodas do Cordeiro, é o único que pode fazer um homem verdadeiramente feliz. Como só Deus pode encher nosso coração, só ele pode saciar nossos desejos: qualquer outro objeto inquieta a consciência, cansa e desgosta necessariamente. Só Deus pode contentar uma alma, acalmar suas inquietações, suas desconfianças, seus temores e todas as perturbações que nascem do fundo de nosso coração. Aqueles que se julgam ditosos pelos bens de fortuna, pelas felicidades do mundo, falando com propriedade, são ditosos de teatro e verdadeiros personagens de comédia: toda a sua imaginária felicidade consiste em mostrar o que não são; mas sempre descobrem o que verdadeiramente são, por mais que mandem como reis ou falem em tom de amos. Este é o retrato menos lisonjeiro e mais natural dos ditosos do século.

Por mais que me esforce, dizia Santo Agostinho, a encher o imenso vazio de meu coração com qualquer outra coisa, em nenhuma encontro equivalente àquele gosto puro e requintado que experimento em cumprir a obrigação de servir a meu Deus. Assim como é coisa dura e amarga sacudir o jugo da sujeição a tão doce como amável dono, assim não a há mais suave nem de maior

consolo que amá-lo e servi-lo. Os bons nunca estão expostos àquela odiosa alternativa de alegria e de tristeza, àqueles cruéis remorsos que turbam todas as festas dos mundanos e jamais lhes concedem um dia de tréguas nem de repouso.

Atentos sempre a comprazer unicamente àquele Senhor cujo enojo será algum dia motivo de desesperação a todos os que o houverem ofendido, acham em sua mesma fidelidade uma alegria e uma felicidade perfeita. Se alguma vez se lhes representa dificultoso o desempenho de sua obrigação, logo lhes ensina a experiência que não há gosto igual ao de cumprir todas as que são próprias de seu estado. E, se este gosto não é daqueles vivos e lisonjeiros que afagam a corrupção do coração humano, é pelo menos tão sólido e tão puro que nunca tem reviravoltas enfadonhas e molestas. Não é daqueles gostos momentâneos que se acabam com o dia da festa ou regozijo público e que muitas vezes pendem do capricho e da extravagância de não poucos: é um gosto permanente que satisfaz e que pode lograr-se todos os instantes da vida sem fastio, sem pesar e sem remorso.

Não é daqueles gostos que consomem a fazenda, mancham a honra e alteram a saúde; é um gosto útil em todos os tempos, sempre honroso e que não contribui pouco para conservar a saúde do corpo, pela tranquilidade, pela satisfação que causa ao espírito. Às demais diversões não se lhes toma gosto senão pela paixão que lhes dá todo o sainete; o gosto que se sente em cumprir cada um sua obrigação e em servir a Deus não admite outro sainete que o que lhe dá a razão.

Em qualquer outro gosto, cada um desaprova interiormente seus desejos, condena sua própria fraqueza, aborrece seus competidores, teme as revoluções, desconfia de seu mesmo coração, enoja-se contra sua desigualdade, irrita-se contra suas inquietações; os zelos picam, os pesares turbam, a inutilidade dos passos que se dão desespera, a posse fastidia, e os remorsos perpétuos causam um cruel arrependimento. Nada disto se experimenta no serviço de Deus, neste convite das bodas do Cordeiro. O pensamento de haver cumprido sua obrigação consola; a presença do dono a quem se serve anima; o fim que se propõe enche de honra e de alegria.

Conhece-se que eternamente se comprazerá a alma no partido que tomou; sabe-se bem que os mais discretos, os mesmos que com maior insolência zombam da virtude e dos virtuosos, os olham com inveja. O número dos concorrentes aumenta o consolo, excitando com o bom exemplo o zelo e o fervor. A vista, o conhecimento de nossos próprios defeitos, em vez de desalentar-nos, anima-nos a ser melhores pela emenda deles; não se dá quartel a nenhuma daquelas baixas e indignas paixões que despedaçam o coração. Serve de pasto à alegria sua mesma tranquilidade; não inquieta o medo das borrascas nem das tempestades, porque o Senhor a quem se serve manda aos mares e aos ventos. Com tal proteção, como podem não ser serenos e tranquilos todos os dias dos virtuosos? No serviço de tal dono, como pode não gozar-se de uma perpétua calma? E é possível que se busque em outra parte a felicidade? E é possível que não se sacrifique quanto há que sacrificar para poder assistir a este banquete? É possível que se suspire por outro bem, que se anseie outro gosto na terra?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

João 15,1-11

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis. [8] In hoc clarificatus est Pater meus, ut fructum plurimum afferatis, et efficiamini mei discipuli. [9] Sicut dilexit me Pater, et ego dilexi vos. Manete in dilectione mea. [10] Si præcepta mea servaveritis, manebitis in dilectione mea, sicut et ego Patris mei præcepta servavi, et maneo in ejus dilectione. [11] Hæc locutus sum vobis : ut gaudium meum in vobis sit, et gaudium vestrum impleatur.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito. [8] Nisto he glorificado meu Pai, em que vós deis muito fruto, e em que sejais meus discípulos. [9] Como meu Pai me amou, assim vos amei eu. Permanecci no meu amor. [10] Se guardardes os meus preceitos, permanecereis no meu amor, assim como tambem eu guardei os preceitos de meu Pai, e permaneço no seu amor. [11] Eu tenho-vos dito estas cousas: para que o meu gozo fique em vós, e para que o vosso gozo seja completo.

Meditação

Das recaídas

Primeiro ponto

Considera que todo pecado é o maior mal do homem; mas a reincidência no pecado é prova muito sensível da extrema malignidade deste mal. Muitos saram dos maiores males; mas poucos se levantam das recaídas. No moral, o que recai dá motivo para suspeitar que não estava bem curado.

As recaídas nas enfermidades quase sempre costumam causar-se por aqueles mesmos humores que alteraram o corpo a primeira vez e não ficaram de todo corrigidos ou purgados. E será menos de temer que os novos pecados não sejam efeito dos antigos? A falsa penitência é de ordinário causa da recaída. É inconstante a vontade, não o nego; mas não é regular que se mude de repente em ordem àquelas coisas que chegou a querer com veemência; é mister, por assim dizer, que o tempo a vá dispondo, que vá apagando pouco a pouco as ideias, os motivos da primeira resolução. Quantos argumentos, quantas instâncias, quantas razões fortes e eficazes não são mister todos os dias para obrigar-nos a mudar de resolução, para desvanecer todas as nossas preocupações, para empenhar-nos em dar um passo que até aqui julgávamos prejudicial! E uma paixão nociva faz em um instante impressão em nossas almas! Pecadores e penitentes quase em uma mesma hora, presumimos passar de um extremo a outro sem passar pelo meio. Amar o que pouco tempo há se aborrecia, tomar gosto ao que se acaba de detestar como o maior mal de todos os males, buscar com ânsia aquilo mesmo de que havias resolvido fugir ainda que te custasse a vida, voltar a tragar com apetite o que acabas de vomitar com horror! Motivos, razões, religião, eternidade, cólera de Deus, inferno: nada faz já força, tudo desaparece de repente, tudo é inútil: e quererá persuadir-se que era verdadeiro penitente o que tão de golpe passa a ser um descarado pecador, o que não conserva nem sequer a menor relíquia de penitência! Essas imaginárias conversões, seguidas de prontas recaídas, são, falando com propriedade, certos intervalos de frio que precedem os acessos mais violentos da febre. São no máximo uma suspensão de armas que serve para voltar à guerra com maior furor. Essa facilidade em mudar-te não argui que se mudaram os princípios por onde te governavas. Gemeste aos pés do confessor; sentiste-te movido e até penetrado de dor de teus pecados; chegou esta dor até arrancar-te suspiros do coração e lágrimas dos olhos. Isto quer dizer que a graça foi bem forte, que foi extraordinário o movimento que o Espírito Santo imprimiu em teu coração. Mas, se logo voltaste a enredar-te nos antigos laços e nas primeiras ocasiões; se dentro de oito dias, e talvez no dia seguinte, ressuscitou o pecado que parecia morto; e aquele inimigo, vencido, desarmado, lançado do coração, destruído, aniquilado, se acha um momento depois tão forte, tão dono da praça como se Deus nunca a tivesse tomado: tudo isto quererá dizer que a penitência foi muito sincera? As prontas recaídas formam pelo menos uma veemente presunção de que a dor foi fingida, o propósito imperfeito, a reconciliação falsa, a confissão nula. E isto que se diz das culpas graves, na devida proporção deve entender-se também das leves. Oh, meu Deus, quantos falsos arrependimentos e quantas penitências ainda mais falsas descobrirão algum dia as frequentes recaídas!

Segundo ponto

Considera que, se a falsa penitência é a causa ordinária das recaídas, não é menos certo que a impenitência é também o efeito mais natural delas. O que volta a cair tem motivo para suspeitar que não se levantou bem e não o tem menor para temer que não voltará a levantar-se.

Quando o diabo foi uma vez lançado da alma, se volta a entrar nela, diz o Salvador, leva consigo outros sete espíritos infernais mais perversos que ele, para que possa fazer mais longa e mais vigorosa resistência à graça. E o inimigo que voltou a ganhar o ponto que havia perdido será depois menos vigilante do que havia sido antes de perdê-lo? Havendo-lhe ensinado a experiência por onde pode abrir brecha a graça, descuidar-se-á em guardar melhor e em fortificar mais os lugares mais fracos e mais expostos? Quantos esforços fará para evitar a confusão de outra segunda surpresa! À vista disto, que te parece? As frequentes recaídas deixam grandes esperanças de segunda conversão? Além dos estorvos que oporá o inimigo de nossa salvação, quantos encontraremos em nós mesmos!

Uma recaída dá mais força à inclinação que temos ao mal que cem atos repetidos antes da penitência. O pecado que se comete depois de uma verdadeira conversão é de certo modo mais grave que todos os que se cometeram antes dela. Porque, para cometê-lo, foi mister apagar todas as luzes que nos alumiaram para sair do mau estado, abandonar todos os auxílios que se haviam recebido, todos os bons propósitos que com tanta generosidade se haviam feito. Pecou-se tendo muito presente tudo o que podia dificultar a resolução de pecar; inutilizaram-se todos os estorvos que podiam deter a execução. Verdades eternas, castigos terríveis, mistérios ternos da redenção, sangue preciosíssimo do Redentor, cuja superabundante virtude se havia recebido no uso dos sacramentos durante o tempo pascal: tudo se inutilizou, venceu a paixão e arrastou a inclinação ao pecado. Que estrago não fará uma torrente tão impetuosa que foi capaz de romper diques tão fortes, e que é o que poderá detê-la?

Não se converteram os demônios porque ofenderam a Deus com pleno conhecimento do pecado que cometiam. Os pecados de recaída cometem-se, por assim dizer, com uma completa malícia, e assim merecem todo o rigor da divina justiça. Por isso a nenhum pecador converteu o Salvador do mundo a quem não fizesse esta prevenção: *Guarda-te bem de voltar a pecar, não suceda que te aconteça alguma coisa pior.* E depois disto se olham tão a sangue-frio os pecados de recaída! E não assustam a alma as reincidências! E depois de haver confessado e comungado no tempo pascal volta outra vez o pecador a pôr-se nas mesmas ocasiões de pecar!

Adorável Salvador meu, se houvéssemos de julgar de vós como julgamos dos homens, a salvação destes pecadores relapsos seria desesperada. Verdade é que têm mais motivos para temer que para esperar; mas nem por isso se esgotaram vossas misericórdias; o mesmo sangue que os lavou tantas outras vezes pode correr ainda de vossas sagradas veias. Tudo podeis, ó grande Deus! E quanto maiores e mais enormes forem nossos pecados, maior e mais gloriosa será a misericórdia com que no-los perdoareis. Conheço toda a malícia de minhas culpáveis recaídas; vejo todas as funestas consequências dos pecados de reincidência; não permitais, benigno Salvador meu, que tenha a desgraça de voltar a cair neles.

Jaculatórias

> *Non supergaudeant mihi, qui adversantur mihi inique.* Sl 34.

Não permitais, Senhor, que os inimigos de minha salvação logrem a satisfação de executar os malignos intentos que têm contra mim.

> *Ne dicant: devoravimus eum.* Sl 34.

Não permitais que digam: Já está perdido, já o tragamos.

Propósitos

1. A experiência ensina que a uma verdadeira conversão se segue quase sempre um eterno divórcio com o pecado. Se sucede alguma vez que se volte a cair no mesmo estado de onde efetivamente se havia saído, nunca é de golpe; porque é mister algum tempo para apagar a memória de uma contrição amarga. Não se começa pelos pecados graves; vão-se pouco a pouco deixando os exercícios espirituais, cometem-se mil pequenas infidelidades às divinas inspirações e vai-se dispondo a alma a cometer outras maiores. Mas, quando a recaída é muito imediata à conversão, há muitos motivos para desconfiar dela. Se queres ter sinais pouco incertos de tua verdadeira reconciliação com Deus, observa qual é teu cuidado, qual tua aplicação, qual teu fervor em fazer tudo o que pode agradar-lhe e em fugir de tudo o que pode ofendê-lo. O enfermo que em sua convalescença não guarda uma rigorosa dieta e que não quer abster-se de tudo o que lhe pode fazer dano dá fundados motivos para crer que pode mais com ele a força do apetite que o amor da saúde.

Pois quem não vê que uma pessoa que visita, que trata, que tem indiferentemente correspondência com todos aqueles que podem corromper sua alma e estragar seu coração; que concorre com gosto a todos os lugares onde se respira um ar contagioso, onde o solo está escorregadio e cada passo é um perigo; quem não vê, digo, que esta tal pessoa não tem muito horror às recaídas? Desvia-te de tudo quanto possa pôr-te em perigo: espetáculos profanos, concorrências mundanas, amigos dissolutos, diversões nocivas, conversações perigosas, livros envenenados ou suspeitos, pinturas indecentes: tudo se acabou para ti. São poucas as recaídas que não têm sua origem na falta de vigilância e de uma prudente precaução. A quem se acaba de levantar de uma grave enfermidade, um ar pouco sadio, um alimento mal preparado, o menor excesso costumam ser golpes mortais. Lembremo-nos de que em matéria de costumes o que se chama fraqueza, falando em termos próprios, não é mais que uma má vontade.

2. Queres não voltar a cair? Pois faze reflexão sobre a causa mais visível de tuas precedentes recaídas. Não foi aquela visita, a leitura daqueles livros, aquela conversação, aquela correspondência, o haver deixado aquela devoção, aquele exercício espiritual, o não te haver mortificado naquela ocasião, o haver-te descuidado no cumprimento das obrigações de teu

estado? A relaxação e a tibieza necessariamente vão dispondo para as recaídas. Escreve hoje mesmo a causa particular daquelas reincidências, daquela funesta volta ao vômito do pecado, daquela tibieza, daquela relaxação, daquelas paixões que voltaram a ressuscitar. Todas as manhãs, ao acabar a oração ou ao oferecer as obras do dia, lê o papel destes salutares apontamentos; impõe-te uma penitência ou uma considerável esmola para todas as vezes em que te expuseres a algum perigo. Estes que parecem pequenos cuidados são provas seguras de uma vontade muito sincera e movem o Senhor a dispensar-nos aqueles grandes auxílios que são de tanto proveito na ocasião; e enfim é de grande consequência este exercício.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:23 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:23 by Admin